

Recontado por
MARCOS NASCIMENTO

BLOOD ON TRACKS **BOB DYLAN**

mojo
BOOKS

2
anos
2006
2008

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

BLOOD ON TRACKS
MARCOS NASCIMENTO

uma história inspirada por
BLOOD ON TRACKS
BOB DYLAN

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY MARCOS NASCIMENTO
PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

BLOOD ON TRACKS

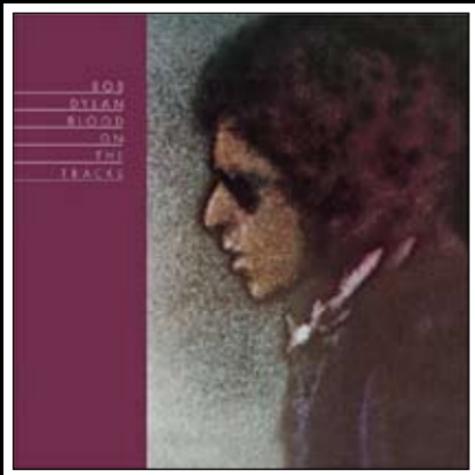
MARCOS NASCIMENTO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **FABIO COBIACO**



BLOOD ON TRACKS

BOB DYLAN

LANÇAMENTO: **1975**
SELO: **COLUMBIA RECORDS**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Tangled up in blue
2. Simple twist of fate
3. You're a big girl now
4. Idiot wind
5. You're gonna make me lonesome when you go
6. Meet me in the morning
7. Lily, Rosemary and the Jack of Hearts
8. If you see her, say hello
9. Shelter from the storm
10. Buckets of rain



BLOOD ON TRACKS
MARCOS NASCIMENTO

I.

Na terra seca em que caminhei, por anos e décadas, a procura de segundos de reconhecimento e regozijo, poucas coisas valeram a pena.

Mas de que adianta andar por todos os cantos, sempre se sentindo em lugar nenhum? Estamos à procura de quê? Neste mundo dominado por dúvidas, você foi minha única certeza. É uma pena que nem mesmo as certezas durem por muito tempo. Já rabisquei por todas as paredes minhas melhores maldições, tentando deter essa ilusão que corre em minhas veias, me despi dos segredos que me cobriam e me encontro sozinho, aqui, sem o consolo de ombros ou bocas. Emaranhado na fossa, rolando na cama, derrubo todas as bases que me sustentam fragilmente e fico apenas com o peso que me joga pra baixo.

As lembranças me causam asco. Toda vez que entro no quarto, vejo seu fantasma com olhos vazios de esperança. Não me dá medo, nem nenhuma espécie de tensão. Sinto só vontade de chorar. Como um anjo caído, sem nenhuma pretensão de dominar o mundo, nem de tirar o poder das mãos de Deus. Atrair pecados? Muito menos. Eu só busco a paz, mesmo que seja ao redor do Inferno. E não há aliados pra me proteger. O Destino é um grande trapaceiro, sujo e pesado como as roupas do meu corpo.

Ginsberg tinha razão: “América eu te dei tudo e agora não sou nada”

O meu discurso alimenta a máquina até que ela voe pelos ares, de tanto

se faltar de ódio, angústia e contradição. Ideologias sem progresso, como estátuas em algum tempo distante, onde nunca estivemos. Os jovens... com todo um belo futuro de grandes decepções ainda pela frente. Até sinto uma fugaz vontade de voltar a ser como todos os jovens - fortes e cegos. Não enxergam seus próprios pés, preocupados que estão com o horizonte.

Quem precisa de heróis que envelhecem com suas opiniões decadentes e frustrantes? Uma platéia de clowns me assiste. Um auditório de velhos conhecidos, a solidão na primeira fila e o abandono no camarote não perdem uma única palavra.

Estou cansado de ser o mesmo personagem contando sempre a mesma velha piada pra tantos sorrisos forçados. Os diálogos se esgotaram, já não somos tão bons quanto antes. Restam apenas os monólogos que iremos dizer pra nós mesmos. Bem baixo pra que ninguém ouça nossas fraquezas expostas ao ar livre.

Se eu ainda sou o mesmo, como posso querer ser o porta-voz de uma geração? Uma geração que se transforma a cada instante, que se fragmenta e se destrói como produtos de uma fábrica que trabalha de maneira frenética, sem dar tempo de respirar ou de olhar pras estrelas.

Como posso falar por tantas pessoas, se mal consigo guiar a mim mesmo? Tão confuso quanto esta nação de loucos profetas da tecnologia. Mas, um dia, até a modernidade deverá envelhecer.

A engrenagem industrial continua funcionando, esmagando sonhos sem olhar pra trás. É a mesma máquina com seus cabos metálicos que desceram os céus pra mais perto de nossos bolsos. E a minha geração não pegará em

armas. O sarcasmo e o tédio já são as nossas armas. Usamos uma máscara de cera que derrete quando nos olhamos no espelho e vemos a real face dos dias. Talvez sejamos eternas pedras rolantes. Não podemos esperar o musgo nascer entre nossos dedos, precisamos nos mover, mesmo que seja pra baixo, até chegarmos ao fundo do poço.

Porque a vida precisa de anestésicos. Algo que adormeça essa gama de coisas que pesam sobre os ossos. Para que adormeçam os pesadelos, pelo menos por alguns instantes. Existem feridas que não fecham - no meu corpo elas são milhares, um flagelo imposto por algum demônio cruel e sarcástico, rindo das chagas que carrego nesta pele de bardo canastrão. Um senhor das palavras que respira silêncios profundos, meditando as próximas revoluções, que nunca saíram de sua cabeça. Que compraria até mais silêncio se ele fosse vendido nas mãos de algum junkie-zen na quietude das ruas.

Agora é melhor eu parar um pouco, minha mente está rodando com tantos delírios.

II.

Você sempre me comprou com tão pouco. Um par de olhos, um beijo longo. Uma conversa sobre algo que eu gosto. Você sabia muito bem como me comprar, mas nunca soube como me vender. Porque eu nunca quis, nunca deixei e, às vezes, por pura incompetência sua mesmo. Todos devem pagar um preço. Mas nem todo o dinheiro do mundo foi suficiente pra você, fosse como fosse, você sempre quis pagar baixo demais. E eu nunca estipulei o meu valor. Será que eu ainda tenho algum?

Você reclamava tanto do meu jeito caladão e, logo agora que minha garganta está me apertando, cheia de palavras com nó, prontas para serem desatadas, logo agora você não está aqui. Se eu escrevesse cartas, elas entupiriam sua caixa de correspondências. Folhas e mais folhas desse veneno que eu tenho entre os dentes. Linhas longas e explícitas de como ferir alguém. Letras tortas e irracionais correndo sem direção certa, tentando quebrar seu ego de pedra e chegar na sua pele, entorpecendo seus lábios na leitura e persuadindo sua inteligência. Mas se eu escrevesse essas cartas, elas me matariam e isso te faria bem, então acho melhor eu guardar o papel e as minhas garras sujas.

Nosso primeiro encontro foi nossa última chance, o cansaço de tantos erros prevaleceu e nos entregamos aos braços dispostos a segurar nosso peso.

angústias da vida solitária. Naquele momento não nos apaixonamos ou nada tão gracioso como nos romances baratos, o que aconteceu é que não tínhamos escolhas, era só você, eu e um mundo a nos dar as costas. Preferimos a nós mesmos contra tanta rejeição. Por uns tempos foi o que fizemos.

Você nunca foi um anjo que apareceu em minha vida, foi no máximo um Ícaro que mal chegou às nuvens e o sol derreteu suas ambições de cera. Quando dormimos juntos pela primeira vez, você nem sabia quem eu era. E eu tenho a estranha sensação de que você continuou sem saber até a última vez em que fomos dormir juntos.

Você nunca me perguntou, e se perguntasse também, eu não teria respondido. Porque essa resposta não pertence a mim, nem a você. A resposta está soprada no vento, seco e veloz, como os melhores momentos que partilhamos. Tentando procurar um lugar pra ser seu abrigo até essa tormenta ir embora. Como pássaros que fogem de seus ninhos, pelo temor do inverno. Assim eu me sinto e eu espero que você ao menos saiba disso. Porque eu sujei demais as minhas asas e elas não querem alçar vôo novamente. Pra onde eu irei então?

Eu deveria ter nascido na primavera assim como você nasceu. Acho que eu passei da hora e você deve estar certa. O que eu poderia lhe proporcionar? Minhas mãos ásperas e meu sangue ralo? Eu sei que mereço o inverno e todas as misérias do mundo. Se abrigue em um lugar quente, baby, e deixe a chuva pra mim.

III.

As coisas testemunham minha rendição. Ao vivo, sem a censura, nem edições que o pudor impõe a nós dois. Não permita me ajoelhar ao medo, nem me apequenar sendo teu servo. Pragas, preces, blasfêmias, pensamento de insanidade. Jamais quis que isso acontecesse. Seu eu pudesse sair desse buraco... A loucura me mostra suas pernas sedentas por toque, mas eu ainda resisto. Na beira do precipício, a queda se torna tão atraente. É tão fácil deixar-se cair, é lascivo quanto um beijo proibido na boca de uma puta, após ela ter feito todo o serviço.

Nada me fará esquecê-la, por enquanto. Abandonei a guitarra elétrica, as letras de engajamento político, propagandas de liberdade e justiça por cidadãos presos por serem inocentes. Hurricane já está livre e eu estou mais preso do que nunca, preso em suas correntes, garota. Parado na areia esperando as ondas revoltas me cobrirem por completo, e o mar indomável me arrastar por toda a costa, deixando meu espírito feder a maresia e a enjôo matinal. Marinheiro de primeira viagem, rumo à maior tormenta já vista. Eu não retorno mais. Amanhecerei perdido em alguma ilha cercada por quatro paredes.

Minha cabeça lateja seu nome, sem me dar descanso. Insônia, eu poderia escrever um livro sobre ela. A insônia tirou até os meus sonhos. Dias e noites, sua presença se faz em mim.

E se eu tentasse conversar com você, pelo telefone mesmo, quem sabe? Nada seria tão humilhante quanto uma ligação no meio da madrugada, enumerando os motivos, razões, as chances de uma volta que eu já considero quase impossível. Eu disse quase. Um quase tão frágil que mal me sustenta de pé. Desgastando minha voz rouca, eu lhe pediria pra nos vermos em algum lugar, mas sei que sua curta paciência acabaria comigo em dois segundos.

Perdão não quer dizer sentimento de piedade. Um pedido de perdão dá leveza, não pesa, mas destrói como o indivíduo que teve a piedade de alguém. Eu nunca lhe pediria piedade. Mas te imploraria por mil perdões. O que é uma grande diferença. Agora a sensação que tenho é que as paredes se fecham e eu não movo um músculo pra sair.

Impassível, demonstro meus sinceros votos de desistência, em breve tudo estará resolvido.

Documentos chegarão pra serem assinados involuntariamente por mim. Toda a burocracia nacional afundará minha consciência na lama, sugando cada vez mais os restos de razão que me acompanham. Pouco a pouco me dissolverei amargamente em sobras rasas, bem imperceptíveis. Numa névoa densa, descerei a rua, cheio de pensamentos destorcidos e a mente no limite do que se pode chamar de lucidez. E uma vez traída, dificilmente ela encontra o caminho de volta. Vazio e apático, uma olhada no espelho só pra lembrar do meu rosto.

Pronto, me reconheci, já posso me esquecer de novo. Agora pelos próximos dez anos.

Quando tudo isso acabar, por favor, tire meu corpo debaixo dos escombros e me enterre sem honras e sem mérito algum. Jogue as flores secas, vire as costas e pronto. Sua vida estará perfeita. E a minha? Bom quem se importa?

Eu não serei o valete de copas dessa vez.

IV.

É perigoso saber e sentir demais, isso faz com que as pessoas rejeitem você. A verdade é nua em excesso pra chamar tanta atenção, ela não possui jóias que atraíam a cobiça alheia. Por isso muita gente é invisível pra sociedade. São os espíritos rasteiros e anônimos que andam mal-vestidos e solitários enquanto todos exibem seu carisma de plástico e pensam em como conseguir mais falsidade pra garantir suas aparências.

Há um trem por vir, que levará com ele os anjos de rua. E deixará para trás toda essa gente corrompida. Eu ofereci minha inocência e fui pago com escárnio. Acreditar é um dom pra poucos homens, basta piscar os olhos e você o perde, e um dom perdido é um grande sacrilégio quando há tão pouco nas mãos. Uma dose letal de salvação é o meu único desejo. Suficiente pra uma vida inteira de privações e viagens por lugares esquecidos.

Retire minha coroa de espinhos. Eu recuso qualquer responsabilidade, desço da cruz e me jogo no abismo atrás de um feixe de luz ou alguma forma de transcender. Virtudes demais se pagam com sangue jovem, no fim eles sempre cobram tua alma e te mostram um papel com sua assinatura, mesmo que você não se lembre de ter assinado documento algum. Essa é a hora em que você se perde num redemoinho de coisas que não te pertencem. E depois que você pára de girar, não te sobram coisas muito boas.

Nada que possa ser aproveitado dali por diante. Eu sinto falta, muita falta de estar nesse redemoinho. As possibilidades de escapar dele são mínimas, mas pelo menos você está em pleno movimento, numa constante, sendo parte de alguma coisa maior do que sua existência tediosa e inacessível. Um basta na inércia e me sentirei alguém de novo, com ambições de quem realmente espera algo da vida e não apenas o seu fim - redentor e consciente de suas palavras. Uma voz que entoava versos em que acredita de olhos fechados. Versos contundentes e inspiradores que farão diferença daqui a alguns anos pra um ou milhares de indivíduos. Para um espírito tão libertário, meu corpo nunca sentiu tal sensação de dependência cega e incondicional.

De cada duas palavras que digo, duas trazem-me arrependimento. Desço e vou atrás de cigarros e, talvez, de um alimento qualquer pra mastigar enquanto me culpo pelos crimes sem solução. Algumas luzes brilham já desejando estarem apagadas. O comércio insiste em vender coisas de madrugada, eles sabem que existem caras por aí, insones e resmungões que fogem do sol diário e surgem nas ruas vazias e decadentes enquanto todos dormem. Não encontro nada que me faça puxar o dinheiro amassado do fundo da carteira, só os cigarros pra passar essa noite comigo. Círculos de fumaça.

Nicotina, hoje você é a única que chegará próxima de algum dos meus órgãos desvalidos.

V.

As cinzas do cigarro marcam o caminho de volta ao apartamento. Eu me perderia sem elas, em sua admirável insignificância que mostram ao meu corpo débil, seu leito familiar. Fedendo a álcool, recolho-me, deitado com o joelho na altura do peito. Penso como um embrião recém-formado. Nesse momento, querida, eu só trocaria seu corpo doce e gentil pelo ventre confortável da minha mãe.

Entro em intensos duelos tortos contra minha própria sombra. Em quem confiar? Talvez nos objetos que me cercam. Estáticos, discretos e mudos, como homens domesticados nessas qualidades incomuns. Seres assexuados e reprimidos, feitos pra dizer não.

As pessoas tomaram seus rumos. Crescer é uma questão de força e coragem. Adjetivos de grandes pessoas que conheci ao longo da estrada e dos dias torturantes. Os amigos partiram em suas jornadas e por muitas vezes destoantes de seus verdadeiros anseios pessoais, loucos pra se verem livres daquele ambiente coletivo de paz, amor e alienação. Nada é um número ímpar. E ele é meu jogo de equilíbrio entre sorte e azar.

Meus amigos, o desemprego é um verme que está roendo suas velhas botas de passeio. Roendo suas roupas coloridas e o brilho falso em seus olhos cor-de-bad trip. Vocês já se ligaram, se sintonizaram, agora caíam

fora! O sonho não está morto, ele está apodrecendo em suas costas magras e doentias. O establishment é o pesadelo voltando sempre num flashback alucinado e paranóico contra os seus rostos abatidos. Aonde será que guardaram a cabeça de Timothy Leary?

Eu quero ser real, apesar de ter alguns sentimentos que parecem fictícios. Fazendo rascunhos de reações, armando cenários, escrevendo roteiros, planos de fuga e horários impróprios pra uma aproximação.

Ah! Solidão, a pior das vaidades. Quanto você quer pra dar uma volta e me deixar aqui, quieto por algumas horas? Nessa plena tranquilidade que só os derrotados possuem.

The End. Acostumei-me tanto a ver esse epitáfio em filmes, quando a tela escurece e surge a sentença, como um corte na imaginação. Agora eu tenho ou será que nós temos um the end próprio, sem retorno, com os atores cansados do jogo das sagradas obrigações, de felizes pra sempre numa atuação barata em filmes B, onde as ordens do diretor já não são mais ouvidas. O Fim.

De agora em diante, teu corpo intocável. Minhas mãos distantes. Nosso futuro deixado pra trás. Você encontrando alguém. Eu me encarando sozinho. Felicidades irão te reconhecer. Tristes dias me esperam. E não quero sentir medo do que sou ou do que estou me tornando. Um bom homem pode ter uma segunda chance.

“Senhor, não lhe peço ajuda, apenas tenha um pouco de misericórdia. Purificar-me sem dor”. Nesse corpo claustrofóbico, crucificado em amor eterno, o consolo maior dos homens.

O dom maldito que me destes, males que se tornam canções. Escravo

de versos e sons que me fazem ser divino e demoníaco e, ao mesmo tempo, receber ódio e reconhecimento. Dos mesmos admiradores, aplausos e insultos entregues com atenção semelhante.

Se eu tivesse o rosto do Elvis, quem sabe tudo não seria mais fácil? É certo que pra muitas pessoas um rosto bonito e aqueles olhos tristes e caídos já não precisam de mais nada pra conquistar um país inteiro, até eu gostaria de tê-los. Mas não estaria disposto a conselhos patrióticos e coisas do tipo. Abraços em presidentes imbecis e serviços militares em respeito à tradição nacionalista. Não! Eu me sinto melhor no caminho inverso. O chão é o limite.

E aqui continuarei, esperando, quem sabe, que o sol nasça embaixo dos meus pés frios e nus. Somente pra me lembrar da existência da luz em um céu imortalmente azul. Estarei aqui sangrando canções pra sempre. Para o seu cruel deleite de observador.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br